

Na pegada dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste: uma proposta de Rally Cultural

Natália Albino Pires

ESEC/IELT-EISI(UNL); npires@esec.pt

Resumo: Um dos mitos mais importantes da cultura portuguesa diz respeito à história de amor e desamor entre D. Pedro e D. Inês de Castro e às suas repercussões políticas, tendo sido, desde então, o seu fatídico amor cantado na literatura nacional e europeia. Parte integrante do imaginário coletivo português, o mito foi reescrito na literatura autoral e, simultaneamente, reelaborado na literatura tradicional, principalmente no género lenda. Assim, tendo por base a importância do fundo lendário para a estruturação do imaginário coletivo de uma determinada região, apresentamos uma proposta de percurso turístico, no âmbito do turismo cultural e do turismo criativo, que visa seguir, através de um rally, as pegadas dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste, especialmente no concelho da Lourinhã e nos concelhos limítrofes (Peniche e Óbidos).

Palavras-chave: *Rally cultural; D. Pedro; D. Inês de Castro; Lendas; Região Oeste*

Abstract: One of the most important myths of Portuguese culture concerns the story of love between Pedro and Inês de Castro and their political repercussions; having their fateful love been sung thereafter in the national and European literature. Part of the Portuguese collective imaginary, the myth has been rewritten in authorial literature and simultaneously reworked in traditional literature, especially in the genus legend. Thus, based on the importance of the legendary background for structuring the collective imagination of a region, we will therefore present proposal for a tourist route, in the scope of cultural and creative tourism, which aims to follow through a rally, the footsteps of Pedro and Inês' love throughout the Western Region, especially in Lourinhã county and the neighboring counties (Peniche and Obidos).

Keywords: *Cultural Rally; D. Pedro; D. Inês de Castro; legend; Western Region*

1. INTRODUÇÃO

Uma das especificidades fundamentais da cultura portuguesa assenta, indiscutivelmente, na mitificação de figuras históricas, cuja existência facilmente se pode comprovar e cujos fados e desfados se narram e se reelaboram, literariamente, desde a Idade Média até aos nossos dias, destacando-se a primazia dada à mitificação da figura de D. Isabel de Aragão, de D. Sebastião e aos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro¹⁶².

Com efeito, um dos mitos mais importantes da cultura portuguesa, constructo literário de séculos, diz respeito à história de amor e desamor entre D. Pedro e D. Inês de Castro e às suas repercussões políticas, tendo sido, desde então, o seu fatídico amor

¹⁶² Várias outras figuras históricas da cultura portuguesa poderiam ser estudadas graças ao processo de mitificação dos seus feitos veiculados pela literatura autoral e pela literatura tradicional.

cantado na literatura nacional e europeia. Ainda que hoje o tema de Inês de Castro seja mais estudado ao nível da recriação literária, por servir de *musa inspiradora* a poetas, dramaturgos e prosadores em todo o mundo, não podemos descurar que é parte integrante do imaginário coletivo português, e como tal, para além de ter sido reescrito na literatura autoral, tem sido reelaborado na literatura tradicional¹⁶³, principalmente no género lenda.

Assim, tendo por base a importância do fundo lendário para a estruturação do imaginário coletivo de uma determinada região e tendo em conta que no concelho da Lourinhã foram recolhidas lendas fundacionais de diversas localidades decorrentes dos encontros do par amoroso, apresentaremos uma proposta de percurso, no âmbito do turismo cultural e do turismo criativo, que visa seguir, através de um rally, as peugas dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste, especialmente no concelho da Lourinhã e nos concelhos limítrofes (Peniche e Óbidos).

A nossa proposta inspira-se nas experiências de rally cultural levadas a cabo no Parque Natural do Tejo Internacional¹⁶⁴, ancora-se nas sugestões definidas no PENT 2013-2015 para o desenvolvimento turístico nacional e vai ao encontro da valorização dos recursos naturais, paisagísticos e culturais (PENT, 10). Efetivamente, a proposta que apresentaremos assenta, tal como se defende no PENT, no reforço de circuitos turísticos já sedimentados, “formatando itinerários que valorizem e integrem o património histórico, cultural, religioso e paisagístico e [incentivando] a oferta de experiências que qualifiquem e diferenciem o produto” (PENT, 10-11). Por outro lado, a proposta procura inter-relacionar-se com a promoção do turismo de natureza, difundindo complementarmente a riqueza e a qualidade da gastronomia local, produtos turísticos também definidos no PENT 2013-2015 (14 e 18) como essenciais para o biénio.

¹⁶³ Salientamos os estudos sobre o tema de Inês de Castro no romanceiro tradicional peninsular: Botta (1995) e Pires (2002).

¹⁶⁴ http://www.turismotajointernacional.com/pt/experiencias/-/contenido_web/eanmjoeO21wD/content/rally-cultural-fotografico

2. A REGIÃO OESTE E OS AMORES DE D. PEDRO E D. INÊS DE CASTRO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1. O produto turístico Oeste Portugal

A marca Oeste Portugal nasce da iniciativa dos 12 municípios que compõem a Comunidade Intermunicipal do Oeste (<http://www.oestecim.pt/>) e visa divulgar à escala nacional e internacional os “recursos socioeconómicos, patrimoniais, históricos, turísticos e naturais da Região Oeste Portugal”¹⁶⁵.

Em toda a Região Oeste, o destino turístico mais consolidado e divulgado é, indubitavelmente, Óbidos. Não obstante a sua sedimentação enquanto destino procurado por turistas nacionais e estrangeiros, outras localidades apresentam ofertas turísticas sedimentadas (Alcobaça e a sua relação com a Ordem de Cister; Bombarral com o Festival da Pêra Rocha; Lourinhã com os vestígios dos dinossauros e com o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro; Torres Vedras com o cortejo de Carnaval) ou emergem com ofertas turísticas dirigidas a nichos de mercado (Peniche e Nazaré destacam-se no turismo náutico muito em particular no surfing; Caldas da Rainha e Torres Vedras destacam-se no turismo de saúde com a revitalização do termalismo).

Embora, já no final da década de 90, Bairrada *et al.* (1997, p. 93-94) sugerisse o desenvolvimento de linhas de atuação que valorizassem as potencialidades turísticas do interior do concelho da Lourinhã, a verdade é que o município tem centrado a sua promoção turística particularmente nos produtos sol-mar, nos vestígios dos dinossauros e na Batalha do Vimeiro, em particular no Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, facultando, porém e de forma complementar, a possibilidade de o visitante realizar três percursos pedonais: PR1 – Rota dos Dinossauros PR2 – Pelo planalto das Cesaredas e PR3 – Pelos caminhos da Batalha do Vimeiro.

O concelho apresenta, todavia, outras potencialidades, muito especialmente no âmbito do turismo cultural, que poderiam ser exploradas por forma a atrair novos públicos. Em termos históricos, há, efetivamente, vertentes que não têm sido exploradas por parte das entidades promotoras do turismo da Lourinhã e que, ao serem buriladas, podem trazer novos públicos à Vila, em particular públicos especializados que procuram ofertas culturais e, acima de tudo, criativas. Para além da consolidação da exploração da

¹⁶⁵ <http://www.oestecim.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=bad5de48-553b-42d4-bb71-00523fb2345f>

temática dos encontros entre o Infante D. Pedro e D. Inês de Castro no concelho, referimos de modo particular à possibilidade de se traçarem produtos turísticos inovadores no âmbito do turismo cultural e/ou do turismo criativo alicerçados nas figuras dos primeiros donatários da localidade: D. Jordão e a importância das cruzadas marítimas na fundação da nacionalidade; D. Lourenço Vicente e a sua participação na feição joanina durante a Crise de Sucessão Dinástica de 1383/1385; D. João das Regras e a sua relação com a 2ª Dinastia.

Não obstante, no que diz respeito à importância de D. Pedro e D. Inês de Castro para a o concelho da Lourinhã, a Junta de Freguesia do Moledo, conjuntamente com a autarquia, tem envidado esforços para a divulgação de um percurso pedonal na localidade do Moledo que envolve uma “Mostra de arte pública em contexto rural” subordinada ao tema do amor entre ambos. Este percurso é organizado anualmente e, de acordo com informações da Dr^a Cristina Henriques, está em planificação um percurso pedonal complementar a esta Mostra pelos arredores da localidade que procurará divulgar os caminhos pastoris.

Segundo Henriques (2010, p. 35), o novo turista, “no qual poderemos inserir o turista cultural, procura produtos turísticos regionais, procura a diferença, procura a cultura de cada espaço, os usos e costumes que caracterizam determinada região. A transformação do recurso em atracção tem, efectivamente, um papel decisivo em todo o processo de desenvolvimento. As palavras-chave para este tipo de oferta turística são a diferenciação, a tipicidade, a autenticidade, a sustentabilidade ambiental e social e, obviamente, a qualidade, que será transversal a todo o processo de construção de uma identidade territorial, que será absorvida pela identidade de cada visitante para construir uma nova identidade”.

Assim, tendo por base as palavras de Henriques, as diretrizes definidas no PENT 2013-2015 e tendo em conta o património material e imaterial da Região Oeste e aliando a sua importância histórica ao facto de nela terem vivido figuras preeminentes da cultura nacional, parece-nos urgente a conceção de produtos turísticos dirigidos a um nicho de mercado, inseridos no âmbito do turismo cultural, com uma vertente criativa e baseados nas novas tecnologias.

2.2. D. Pedro e D. Inês de Castro na Região Oeste: da realidade histórica ao fundo lendário

Em termos históricos, a presença do Infante D. Pedro, futuro D. Pedro I, por terras da Serra da Pescaria, atual Serra del Rei, para caçadas prolongadas encontra-se documentada tanto na chancelaria de D. Afonso IV como na sua própria.

Em contrapartida, a confirmação histórica da presença de Inês de Castro na região torna-se difícil de rastrear. Não obstante, na Região Oeste circulam lendas que afixam a sua presença ao lado de D. Pedro e asseveram os encontros do par amoroso. Efetivamente, se considerarmos que uma lenda é “una narrativa imaginaria que posee raíces en la realidad objetiva, [siendo] siempre localizable, o sea, ligada a un lugar geográfico determinado” (Neto, 1977, p. 132) e que, do ponto de vista do informante, narra a absoluta verdade dos factos, então Inês de Castro esteve ou viveu na Região Oeste.

As lendas em torno da figura de D. Pedro, do par amoroso e dos seus encontros no Oeste começam exatamente com o local onde se encontrariam. A tradição popular, passada de pais para filhos, afirma que D. Pedro escolhe o Paço da Serra del Rei “a pretexto de se dedicar não só ao exercício da caça (...), mas também, segundo a lenda, para se poder encontrar com tranquilidade e sossego com D. Inês, longe dos olhares indiscretos da Corte e dos espiões a soldo de seu pai” (Cipriano, 2001, p. 243). A tradição oral atestada por diferentes estudiosos¹⁶⁶ afirma que ambos se encontrariam num palácio que terá existido na povoação do Moledo. Porém, não chegaram aos nossos dias as suas ruínas nem referências fidedignas que nos permitam atestar com segurança que tal imóvel terá existido. A tradição popular, secundada pelos estudos disponíveis, assevera que o palácio terá sido abandonado pelos seus proprietários e que os habitantes da povoação o desmantelaram para utilizarem as suas pedras noutros edifícios, não havendo vestígios do dito imóvel já no século XIX¹⁶⁷. Efetivamente, Cipriano & Pereira (2007, p. 22-24), expõem com clareza, a partir das indicações de Machado (1966), a dificuldade sentida pelos investigadores no que se refere à identificação de um palácio no Moledo.

¹⁶⁶ Cf., por exemplo, Machado (1966), Cipriano (2001) e Cipriano e Pereira (2007).

¹⁶⁷ Não obstante, segundo Machado (1966: 42) conhecem-se os seus últimos proprietários: “o Paço do Moledo foi alienado pela Casa Real, (...), em 1376, por doação que D. Fernando fez a seu cunhado D. João Afonso Telo, 6º conde de Barcelos, passando depois por várias mãos, até que no século passado pertenceu aos Morgados Pestanas”.

Se tivermos em conta duas lendas que circulam na povoação do Olho Marinho, que já pertence ao concelho de Óbidos, tem de se colocar, obrigatoriamente, a hipótese de os encontros dos amantes no Moledo não passarem de uma lenda. Numa das lendas, os encontros entre o par amoroso situam-se na Quinta do Furadouro que, novamente de acordo com a tradição popular, terá pertencido a D. Inês de Castro¹⁶⁸. Noutra lenda, atribui-se o nome de uma das nascentes da povoação, o Olho da Rainha, às frequentes visitas que D. Inês de Castro ali fazia para aliviar os seus males e as suas dores:

D. Inês de Castro, mulher de D. Pedro, quando estava instalada na Quinta do Furadouro ou no Paço Real na Serra d'el Rei, deslocava-se com muita frequência às nascentes de Olho Marinho, para que com essas águas puras e cristalinas, aliviasse os seus males. Terá sido devido a esse conjunto de situações que o nome de uma das nascentes é conhecido por Olho da Rainha (Oliveira, 2005, p. 37)¹⁶⁹.

Muito embora desconheçamos a sua exata localização, parece plausível que D. Inês, ao ser amante do Infante herdeiro, D. Pedro, possuísse uma quinta na região. Nesta medida, parece legítima a afirmação de que o lugar de encontro entre o par amoroso terá sido uma povoação dos arredores da Lourinhã, Óbidos ou Peniche, ou, quiçá, o próprio Paço da Serra da Pescaria, hoje Serra del Rei¹⁷⁰.

A partir da localização dos encontros do par amoroso no Moledo, a tradição popular, lendária, traça o trajeto que D. Pedro seguiria desde o Paço da Serra até à

¹⁶⁸ Hoje, a Quinta do Furadouro é propriedade da Altri Florestal (uma empresa do grupo Altri que se dedica à produção de pasta de papel e ao melhoramento genético do eucalipto) e alberga um centro de ID. Contudo, sobre a sua fundação há uma infinidade de incertezas porque as informações disponíveis são totalmente contraditórias. O autor anónimo de *Memórias Históricas de Óbidos* (obra editada em 1985 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda) afirma que se trata de uma obra de D. Pedro I que, depois do assassinato de D. Inês de Castro, a doa ao Infante D. João de Portugal, futuro Duque de Valencia de Campos.

¹⁶⁹ Distintas questões se nos colocam a partir dos dados históricos e a partir desta lenda. Com base na tradição lendária que atribui a santificação de diversas águas a D. Isabel de Aragão, não excluímos a hipótese de que a rainha desta lenda seja a mulher de D. Dinis que recebeu, entre muitas outras localidades, Óbidos e Atouguia como dote de casamento, encontrando-se o Olho Marinho no caminho entre essas duas localidades.

¹⁷⁰ A Serra da Pescaria é hoje a Serra d'el Rei e, de acordo com alguns estudiosos, a mudança do nome recorda as frequentes visitas de D. Pedro I. Ainda que a documentação notarial confirme já a presença de D. Dinis, avô de D. Pedro I, no Paço (Galego *et al*, p. 1988), Calado (1991, p. 249) afirma que el Paço foi mandado construir por D. Pedro I entre 1357 e 1358. Note-se que as datas propostas pelo autor são posteriores à morte de Inês de Castro. De facto, sobre a fundação do Paço há, tal como para a Quinta do Furadouro, uma infinidade de incertezas e também muitas contradições entre os estudiosos, na sua maioria autodidatas. Agradecemos, antecipadamente, a disponibilidade de uma das suas atuais proprietárias, Isabel Quidenus, que nos facultou uma resenha policopiada de estudos e informações sobre a história do Paço da autoria do seu anterior proprietário, José Artur Pessoa Monteiro Marques.

povoação. Nesse trajeto, cruzaria a povoação que hoje se chama Paço, explicando-se na lenda a origem do topónimo:

El-Rei D. Pedro, apaixonado por D. Inês, vinha muitas vezes ao Moledo, onde ela morava. Ia no seu cavalo desde a Serra d'El-Rei e passava por um sítio onde existia um areal. Chegado a esse ponto, dizia ao seu cavalo: - Aqui a passo! Tantas vezes passou por ali e tantas vezes disse 'a passo' que esse sítio se passou a chamar 'Paço' (Morgado, 1999, p. 27-28)¹⁷¹.

De acordo com outra lenda, no meio do itinerário D. Pedro pararia para dar de beber aos seus cavalos numa das fontes no sopé da colina da Cezareda e por:

D. Pedro aí parar quando por ali passava a caminho do Moledo ou no seu regresso ao Palácio da Serra, para se dessedentar e dar de beber ao seu cavalo, numa fonte ali existente (...), a fonte ficou a chamar-se Fonte Real, dando o nome à Quinta (Cipriano, 2001, p. 280)¹⁷².

Na sequência das suas frequentes viagens entre o Paço Real e a Mata Real ou entre o Paço Real e a casa da amada, outra lenda relacionada com a figura de D. Pedro explica o topónimo Pena Seca:

Um dia, em que D. Pedro andava a caçar por estes sítios ou que se dirigia para o Palácio do Moledo para visitar D. Inês de Castro, alguém aqui residente teria pedido a D. Pedro determinada mercê e, tendo-a este mandado

¹⁷¹ A lenda publicada por Cipriano (2001, p. 277-278) diz-nos que: “D. Pedro residia no Palácio da Serra a par de Atouguia, como então se denominava o Palácio que existe na povoação da Serra D'El Rei, e Inês de Castro encontrava-se no Palácio do Moledo. Aquele, sempre que ia visitar a sua amada Inês, corria a galope desde a Serra, com os seusaios e cortesãos pelos terrenos pedregosos, até chegar ao vale que os separa da Cesareda. Ali, o terreno já é areento e o Infante gritava: aqui a passo. E aquele local ficou a ser conhecido pelo sítio do Passo e foi aqui que nasceu a povoação que lhe herdou o nome”. O autor edita outra versão mais truncada da lenda da passagem de D. Pedro pela povoação do Paço: “ao chegar ao local, de terra arenosa, gritava ‘aqui a passo’, e ‘passo’ ficou a denominar-se aquele sítio. Aí apareceu a povoação que tomou o mesmo nome, da freguesia de S. Bartolomeu dos Galegos, e que há uns 150 anos ainda se grafava Passo” (Cipriano, 2001, p. 243). De acordo com as palavras de Cipriano (2001, p. 277), a mudança da grafia do nome da povoação é responsabilidade de um pároco local que, em 1842, começou a escrever “Paço” em vez de “Passo”. Contudo, ainda não nos foi possível consultar o documento que altera a grafia do nome da povoação.

¹⁷² O autor edita outra versão com algumas variantes: “Igualmente naquela freguesia, e no caminho que se dirige ao Moledo, existe a Quinta da Fonte Real (...). Aí, e para o lado do referido caminho, tinha um tanque, hoje desmantelado, abastecido por água corrente nascida no interior da Quinta, e que servia para dar de beber aos animais. Diz a lenda que, quanto por ali passava, D. Pedro parava para dar de beber ao cavalo e para ele próprio se dessedentar. E, por esses factos, a Quinta ter-se-ia passado a chamar de Real, para memória de tais acontecimentos” (Cipriano, 2001, p. 243). Morgado (1999, p. 27) edita também uma versão desta lenda: “Esta lenda associa-se à lenda do Paço. Quando el-Rei D. Pedro ia ter com D. Inês parava numa fonte para dar água ao seu cavalo e pare ele beber. Assim, a fonte passou a chamar-se ‘Fonte Real’”.

escrever ao seu escrivão, este lhe teria respondido que não o podia fazer por estar a pena seca, dando origem ao nome do local (Cipriano, 2001, p. 280).

3. EXPLORAÇÃO DO TEMA DOS AMORES DE PEDRO E INÊS

3.1. Rally cultural

Partindo do fundo lendário fundacional relativo ao encontro dos amantes na Região Oeste, apresentamos, assim, as linhas mestras de um rally cultural intermunicipal que contempla as localidades de Moledo, Pena Seca, Paço, Serra del Rei e Olho Marinho. Trata-se de um percurso de orientação, dirigido a todos os públicos (júnior e sénior), que se realiza utilizando uma bússola e um mapa no qual são marcados pontos de interesse que o visitante tem de procurar, propondo-se-lhe um conjunto de atividades de indagação, de conhecimento e de interpretação do meio.

No *briefing* inicial, apresenta-se a atividade, fornece-se aos participantes um guião (com atividades de indagação, conhecimento e interpretação), a bússola e o mapa e, caso necessário, ser-lhes-ão facultadas noções básicas de orientação, de uso da bússola e de leitura de mapas. Para a consecução da atividade, os participantes devem realizar o percurso marcado no mapa, passando por todas as localidades da região ligadas, pelo acervo lendário, aos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro. A este percurso pelas diferentes localidades pode juntar-se o percurso pedonal dentro do Moledo e que envolve a “Mostra de arte pública em contexto rural”, subordinada ao tema dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro.

Chegados a cada um dos locais, os participantes terão de realizar as atividades propostas no guião e de recolher lendas, preferencialmente as lendas relacionadas com o par amoroso, junto dos habitantes de cada uma dessas localidades. Tendo em conta que, hoje em dia, ninguém prescinde da tecnologia, contamos com o facto de os participantes possuírem telemóveis de última geração que lhes permitirão gravar e tirar fotografias dos locais. Para tornar o rally mais interativo, os participantes podem, em cada um dos locais, tirar uma foto que disponibilizam imediatamente online através de aplicações de geolocalização, das redes sociais ou do *whatsapp*.

No final do percurso, os participantes juntam-se para reverem e discutirem as anotações, partilharem as lendas recolhidas e as fotografias do percurso e para trocarem

todas as impressões que considerarem pertinentes. As lendas e as fotos podem ficar disponíveis numa página web¹⁷³ criada para o efeito e acessível a toda a comunidade¹⁷⁴. Durante esta breve reunião, pode oferecer-se-lhes um pequeno *coffee break* com produtos regionais como divulgação promocional, contando, para tal, com a participação dos produtores, nomeadamente da doçaria (areias brancas, paimogos, pão de ló de Miragaia), da horticultura, da fruticultura (produtores locais de fruticultura e Biofrade) e da vinicultura (aguardente).

Importa, desde já, clarificar que o percurso pedonal que virá a ser seguido pelos participantes ainda não se encontra criado, no entanto, terá de ser um percurso de dificuldade média devido à considerável distância a percorrer. Os participantes necessitarão, por isso, de um dia para efectuarem as atividades por forma a poderem pausar tantas vezes quantas considerarem importantes. Este rally cultural é, por conseguinte, dirigido a um amplo público: a escolas porquanto o tema dos amores de D. Pedro e D. Inês faz parte dos *curricula*, sobretudo do programa de português e do de história podendo, transversalmente, incluir-se no programa de geografia e no de biologia/ciências da natureza; a famílias que pretendam partilhar momentos de lazer e cultura criativos; a seniores que pretendam desfrutar de experiências culturais e criativas e a quaisquer outros grupos, embora, dada a logística necessária, nos pareça fundamental determinar um número mínimo de participantes.

Destacando-se a localidade do Moledo na trama dos amores entre Pedro e Inês, propomos que a Junta de Freguesia do Moledo funcione como pólo centralizador do percurso, embora coadjuvado pelas Juntas de Freguesia dos restantes locais que serão percorridos¹⁷⁵.

¹⁷³ A página web pode ficar alojada no *site* da Comunidade Intermunicipal (<http://www.oestecim.pt/>), no *site* da Oeste Digital (<http://www.oestedigital.pt/>) ou no da Câmara Municipal da Lourinhã (<http://www.cm-lourinha.pt/>).

¹⁷⁴ Num trabalho posterior, as lendas poderão ser transcritas e poderá criar-se uma base de dados com o acervo lendário da região que, na realidade, carece de tal labor científico.

¹⁷⁵ Dos contatos que temos tido com a Junta de Freguesia do Olho Marinho, parece-nos que estarão recetivos à participação na construção e manutenção de um rally cultural subordinado ao tema dos amores de Pedro e Inês. Dos contatos que mantivemos com uma das proprietárias do Paço da Serra del Rei, Isabel Quidenus, parece-nos que, embora o espaço esteja dedicado ao Turismo, estará disponível para abrir os jardins do Paço a estas atividades.

3.2. Rally cultural com *geocaching*

Tomando como ponto de partida a proposta de rally cultural com base nas lendas fundacionais relacionadas com os encontros do Infante D. Pedro e D. Inês de Castro na Região Oeste que acabamos de enunciar, propomos uma segunda variante centrada no *geocaching* e usando o percurso pedonal que venha a ser traçado para a execução da proposta de rally cultural.

Em termos muito generalistas, o *geocaching* consiste num jogo em que se utiliza um receptor de navegação por satélite, vulgo GPS, para localizar, através de pistas, objectos escondidos em determinados locais, havendo um crescente número de participantes em todo o mundo e existindo já diversas empresas em Portugal que se dedicam ao ramo¹⁷⁶.

Nesta medida, a nossa proposta consiste em esconder nas diferentes localidades (Moledo, Pena Seca, Paço, Serra del Rei e Olho Marinho) objectos temáticos referentes aos amores de Pedro e Inês que têm de ser encontrados pelos participantes numa determinada localização de GPS. Os objectos escondidos podem ser excertos de obras literárias que imortalizam a desdita do par amoroso, lendas alusivas ao tema ou fotografias de peças escultóricas expostas no Moledo. Para maior originalidade desta proposta de *geocaching*, propomos que um dos “objetos” a encontrar seja um residente que conheça bem as lendas e que não se importe de contá-las aos participantes. Mais uma vez, contamos com o uso da tecnologia para a gravação dos textos orais, cuja disponibilização pode ser feita segundo as sugestões acima enunciadas (numa página web criada para o efeito e acessível a toda a comunidade).

Ao contrário da proposta anterior, este rally cultural com *geocaching* não é dirigido a um tão amplo público. Destina-se mais a famílias que pretendam partilhar momentos de lazer e cultura criativos baseados na tecnologia; a seniores que pretendam desfrutar de experiências culturais e criativas inovadoras e a quaisquer outros grupos que apreciem experiências de caça ao tesouro. Contudo, cremos que esta proposta se pode dirigir a um público cidadão que procure “experiências genuínas na excelência ambiental” (PENT, 2013-2015, p. 7). Dada a logística necessária, também neste caso nos parece fundamental determinar um número mínimo de participantes.

¹⁷⁶ Por exemplo: <http://www.geopt.org/>

A atividade de *geocaching* pode ser utilizada somente na localidade do Moledo com a “Mostra de arte pública em contexto rural”, tendo as escolas nacionais como mercado principal já que, como afirmamos acima, o tema de Pedro e Inês se inscreve nos programas de português e de história, podendo inscrever-se esta atividade, transversalmente, no programa de geografia.

Com efeito, cremos que, com esta atividade de *geocaching* dirigida a escolas, se potenciaria a consolidação dos conhecimentos literários e históricos veiculados pelos professores em sala de aula, porquanto as novas gerações de alunos, tal como tem vindo a ser reiterado por diferentes pedagogos nacionais e estrangeiros, têm uma relação privilegiada com a tecnologia e com a imagem, estando desde muito jovens habituados ao jogo em dispositivos móveis.

No final do percurso, pode oferecer-se aos participantes um pequeno *coffee break*, na mesma ótica de divulgação promocional dos produtos regionais anteriormente referida. Para o público escolar, sugerimos, no entanto, que o *coffee break* se interligue com a divulgação de hábitos alimentares saudáveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora a exequibilidade e a viabilidade económica das propostas aqui enunciadas tenham de ser aferidas em conjunto com as entidades locais, cremos, desde já, que poderão funcionar como uma mais-valia para a divulgação e sedimentação do projecto de divulgação do percurso da “Mostra de arte pública em contexto rural” da Junta de Freguesia do Moledo.

Por outro lado, colocar em prática estas propostas implica valorizar o acervo cultural da literatura tradicional que, graças à massificação da comunicação social, se encontra em desaparecimento. A criação de uma base de dados com as recolhas dos participantes, aberta a toda a comunidade, traduz-se numa valorização do acervo cultural tradicional local, permite o seu estudo comparativo com outras tradições e divulga, aquém e além fronteira, a sobrevivência de um tema essencial da cultura portuguesa assaz importante para a cultura transfronteiriça.

Efetivamente, tal como já tivemos oportunidade de afirmar noutra localidade e também a propósito das lendas fundacionais relativas aos encontros do par amoroso no concelho

da Lourinhã, trata-se de um tema que atualiza no imaginário coletivo português, em particular dos lourinhanenses, a mística dos amores trágicos passados de geração em geração oralmente e imortalizados em obras como Tristão e Isolda ou Vis e Ramin. Nesta medida, estas lendas relativas aos desamores de Pedro e Inês funcionam como uma atualização nacional de um imaginário coletivo transnacional e como metáfora de um imaginário coletivo universal e atemporal, pelo que vale a pena investir na sua recolha e divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bairrada, M., Madruga, P., Rato, B., Moreno, C., Albuquerque, J. L., Branco, M. A., & Costa, P. (1997). *Perspectivas para o Desenvolvimento da Zona da Lourinhã*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Botta, P. (1995). El romance del Palemro e Inés de Castro. *Medioevo y Literatura. Actas del "V Congreso de la AHLM". I. Granada: Universidad de Granada*, pp. 379-399.
- Calado, M. (1991). *Peniche na História e na Lenda*. Peniche: Edição do Autor.
- Calado, M. (1999). *Visão Cronológica da História de Peniche*. Peniche: Edição do Autor.
- Cipriano, R. M. (2001). *Vamos Falar da Lourinhã*. Lourinhã: Câmara Municipal da Lourinhã.
- Cipriano, R. M. (2002). *Freguesia de S. Bartolomeu dos Galegos – As lendas e a história*. Lourinhã: Junta de Freguesia de S. Bartolomeu dos Galegos.
- Cipriano, R. M. & Pereira, M. C. F. (2007). *Moledo – do Concelho da Lourinhã: história, tradições e património*. Lourinhã: Câmara Municipal da Lourinhã.
- Galego, J., Garcia, J. C. & Alegria, M^a F. (1988). *Os itinerários de D. Dinis, D. Pedro e D. Fernando – Interpretação Gráfica*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos/INIC.
- Henriques, A. C. A. (2010). *No princípio estava o Mar. Peniche: o património cultural, o turismo e o mar*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Machado, J. T. M. (1966). *Amores de D. Pedro e D. Inês em terras da Lourinhã, de Gaia e de Coimbra*. Lisboa: Livraria Portugal.
- Morgado, I. (coord.) (1999). *Viagens ao Imaginário*. Torres Vedras: Centro de Formação das Escolas de Torres Vedras/Sogratol.
- Neto, P. C. (1989). *Diccionario de Teoría Folklórica*. Quito: Abya-Yala.
- Oliveira, A. P. (2005). *Planalto das Cesaredas*. s/l: Leader Oeste – Associação para o Desenvolvimento Rural.
- PENT 2013-2015. Gabinete do Ministro da Economia e do Emprego. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>
- Pires, N. A. (2002). O tema de Inês de Castro no romanceiro tradicional peninsular. *Especulo – Revista de Estudios Literarios*. 22 . Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero22/inescast.html>
- Pires, N. A. (2012). Leyendas de fundación como metáfora de la magnitud del universo: la tradición portuguesa. *Etudes Medievales*, 13-14, pp. 84-91.